

Algumas considerações sobre relações de gênero na cultura popular do Bumba-meu-boi no Extremo Norte

DOI: <https://doi.org/10.24979/makunaima.v4i2.1164>



Francisco Marcos Mendes Nogueira
Universidade Estadual de Roraima/UERR
<https://orcid.org/0000-0002-1630-5613>

Cumpadão e Armandina na brincadeira do Rei Brilhante, município de Mucajaí. Fonte: Acervo pessoal.

RESUMO

O presente ensaio enseja, em primeiro lugar, fazer uma homenagem (*in memoriam*) a Mestre da Cultura Popular Armandina Di Manso que juntamente com seus familiares construiu o “Ponto Cultural Dr. Vincenzo Di Manso”, no município de Mucajaí, estado de Roraima. O ponto serve de abrigo para os encontros do Bumba-meu-boi de matriz maranhense, “Boi Rei Brilhante”, bem como salvaguardar as memórias dessa brincadeira e as dos brincantes, além de outras expressões culturais praticadas por estes agentes sociais. Outro aspecto do ensaio se dar ao esboçar uma reflexão entorno das relações de gênero no contexto das culturas populares. Nesse caso, a brincadeira de Bumba-meu-boi. Desta feita, emergem as seguintes questões: de que maneira a migrante portuguesa, Armandina Di Manso, se insere na cultura boieira e em que medida ela se tornou e foi aceita pelos brincantes como ama do boi? Na busca de responder a esses questionamentos optou-se pela pesquisa qualitativa com abordagem metodológica da História Oral por meio da constituição das fontes orais, além de utilizar as letras das doadas entoadas na brincadeira, fotos da/na brincadeira, as quais foram feitas e/ou selecionadas na de pesquisa de campo. Dessa maneira, é possível inferir que, ainda que tenha algumas mulheres no folguedo, a brincadeira, no Extremo norte, ainda segue a mesma lógica representacional ao considerá-la como brincadeira “predominantemente coisa de homem”. Isso não implica dizer que as mulheres, a exemplo da Armandina, não esgarcem a “porta” e adentrem a brincadeira, tentando o protagonismo da e na brincadeira do Bumba-meu-boi.



Palavras-chave: Relações de Gênero. Cultura Popular. Bumba-meu-boi. Mucajaí.

ABSTRACT

The present essay aims, firstly, to honor (*in memoriam*) to the Master of Popular Culture, Armandina Di Manso, who with her family members built the “Ponto Cultural Dr. Vincenzo Di Manso”, in Mucajaí, state of Roraima. The point serves as a shelter for meetings of “Bumba-meu-boi” from Maranhão, “Boi Rei Brilhante”, as well as safeguarding the memories of this presentation and the players, in addition to other cultural expressions practiced by these social agents. Another aspect of the essay is to outline a reflection around gender relations in the context of popular cultures. In this case, “Bumba-meu-boi” presentation. This time, the following questions emerge: how did the Portuguese migrant, Armandina Di Manso, fit into this culture and to what extent did she become and was accepted by the players as a nurse of the “Boi”? In order to answer these questions, we opted for qualitative research with a methodological approach to Oral History through the constitution of oral sources, in addition to using the lyrics of the donated chanted in the presentation, presentation photos which were selected in the field search. In this way, it is possible to infer that, although there are some women in the fun, the cultural presentation, in the Far North, still follows the same representational logic when considering it as “predominantly a man action”. This does not mean that women, like Armandina, do not open the “door” and enter the presentation, trying to play a leading role in and in the game of “Bumba-meu-boi”.

Keywords: Gender Relations. Popular culture. “Bumba-meu-boi”. Mucajaí.

INTRODUÇÃO¹

“O Boi é uma expressão da cultura do Maranhão, na sua riqueza simbólica e na sua beleza cênica, particulariza valores, regras, emoções, sentimentos da gente que faz o boi”

Maria Michol P. de Carvalho (1995, p. 100)

A história do folguedo de matriz maranhense², no Extremo norte, se insere no contexto das migrações de nordestinos para Roraima, especialmente com as grandes levadas de migrantes maranhenses, particularmente no início da década de 1970. Migrações financiadas, em grande medida, por políticos locais que estavam interessados no incremento populacional e, por consequência, no aumento do colégio eleitoral, bem como à passagem da condição de Território Federal para estado³, conforme destacou Nogueira (2011; 2015).

Outrossim, Nogueira (2015) observou que o processo migratório vivenciado em Roraima não pode ser caracterizado como um fenômeno recente⁴, havendo, por tanto, ao longo da sua história diversas fases. Com o intuito de evidenciar essas fases, Rodrigues (2008, p. 19-22) aponta que, na contemporaneidade, é possível destacar três fases, as quais contribuíram para o aumento populacional. A primeira aconteceu com a criação do Território em 1943 e se prolongou até 1964. A segunda iniciou com implantação do Regime Militar, em 1964, estendeu-se até 1985. Já a terceira, foi marcada pelo declínio do Regime Militar, quando foram nomeados os civis para governar o Território e, culminando a transformação de Território em estado, em 1988 com a promulgação da Constituição Federal, fase que perdurou até 1991, quando foi empossado o primeiro governador

eleito democraticamente.

Seguindo essa linha de pensamento, podemos deduzir que a quarta fase, embora não tenha sido objeto de análise de Rodrigues (2008) ocorreu sob a motivação dos concursos públicos que o novo estado proporcionou. E, hodiernamente, podemos destacar uma quinta fase com a migração venezuelana intensificada a partir de 2014, a qual teve forte influência da crise econômica, social e política vivida no país vizinho. Vale salientar que, embora, essas duas últimas fases não seja o objeto do presente texto, a sua colocação se fez necessária para destacar a continuidade (com maior ou menor intensidade do movimento populacional) do/no processo migratório em que Roraima foi o lugar de destino para muitos migrantes, seja eles de nacionalidade brasileira, seja eles frutos da migração internacional. O certo é que quando olhamos para o relevo todas as fases, o seu conjunto nos permite deduzir que as migrações desempenharam um papel fundamental, não só no processo de ocupação, mas, também, no reordenamento político-territorial roraimense.

Isso posto à guisa de introdução, vale retomar ao cerne da proposta do texto, o qual tem por fio condutor o esboço de algumas considerações sobre as relações de gênero dentro da cultura popular do Bumba-meu-boi, sobretudo nas brincadeiras na parte mais setentrional do país. A escolha se justifica a partir da constatação da existência de três grupos de Bumba-meu-boi de matriz maranhense, a saber: **Boi Douradinho** (município de Alto Alegre), **Boi Estrela do Vale** (município de Boa Vista) e **Boi Rei Brilhante**, (município de Mucajaí) os quais têm, respectivamente, como Amo do Boi: Raimundo Karin, Augusto “Melancia” e Armandina Di Manso⁵.

1 Este texto tem origem na tese intitulada “O Bumba-meu-boi maranhense urrou em Roraima: a (re) produção de um território simbólico-cultural (1975-2019)”, defendida em janeiro de 2021, junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS).

2 O termo “matriz maranhense” demarca a influência da coreografia, música e ritmo. Diferenciando, assim, do Boi-bumbá amazonense, em particular da cidade de Parintins, com os Bois Caprichoso e Garantido.

3 Isso veio acontecer em 1988 por ocasião da promulgação da Constituição Federal (CF/1988).

4 A primeira penetração efetiva no vale do Rio Branco deu-se pela “tropa de resgate do comandante Christovão Ayres Botelho, em 1736” (RODRIGUES, 2008, p.15).

5 Infelizmente a Ama do Boi de Mucajaí faleceu no ano de 2022. Por essa razão, o presente texto busca fazer uma singela homenagem ao registrar suas memórias enquanto Mestre, Ama e brincante do Boi Rei Brilhante.

Como é possível perceber, somente o grupo de Mucajaí, o Boi Rei Brilhante, tinha uma mulher à frente da Brincadeira. Armandina Di Manso, assim como os demais Amos são todos migrantes, sendo ela natural da freguesia de Moura Morta, Portugal. De acordo com a nossa interlocutora, quando estava com seis anos de idade os pais decidiram migrar, em 1954⁶, para o Rio de Janeiro⁷. Diante dessa realidade, ou seja, a brincadeira com forte demarcação identitária a partir das territorialidades simbólico-cultural do estado Maranhão, desperta o interesse de uma migrante portuguesa ao ponto de torna-la Mestre e Ama do Boi Rei Brilhante. Salienta-se que, em Mucajaí e no meio dos brincantes, o folguedo é mais conhecido por “Boi do Cumpadão” (NOGUEIRA, 2021).

“Cumpadão”, tinha por nome de batismo Raimundo Pereira Silva. Ele nasceu no estado do Maranhão e fez sua primeira incursão em terras roraimense na década de 1960, atraído pelo garimpo de ouro. Depois da “aventura” da prática de garimpagem, retornou ao seu estado natal. Nogueira (2015) assevera, com base na narrativa de Armandina, que Cumpadão fez retornou a Roraima, mas, agora, estava decidido a morar em um dos assentamentos rurais que o governado da época abria em Mucajaí. Em tempo, vale destacar que foi ele quem primeiro introduziu a brincadeira do Bumba-meu-boi nas terras de Mucajaí e justificou que era para “manter viva” a cultura maranhense no lugar de destino, isto é, Roraima. Isso foi nos idos de 1975 quando fez o Boi Rei das Ondas, mas não durou muito tempo. Já em 2005 juntamente com a ajuda da Armandina Di Manso, “nasce” o Boi Rei Brilhante.

Para Nogueira (2015) a construção dos territórios simbólico-culturais tem por mediação e suporte afetivo-identitário a cultura do lugar

de origem. Dessa forma, os territórios servem como elemento de força motriz para ressignificar a identidade do migrante no lugar de destino. Seguindo essa linha de pensamento, Rogério Haesbaert (2012, p. 20) aponta que, “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’”. É a partir desse contexto que busca inserir os estudos da presença do Bumba-meu-boi em solo roraimense, pois como advertiu Milton Santos (2005, p. 255), “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social”, pois, na concepção de Santos “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”.

Isso posto, emergem os seguintes questionamentos: de que forma uma migrante de origem portuguesa, Armandina Di Manso, se insere na cultura boieira? Como foi o processo de inserção até chegar à condição Ama do “Boi do Cumpadão”?

A fim encontrar as respostas aos questionamentos mencionados acima, traçou-se como objetivo central: analisar a (in)visibilidade da mulher dentro da brincadeira do Bumba-meu-boi Rei Brilhante a luz das relações de gênero e compreender o papel da Armandina Di Manso dentro da brincadeira e sua aceitabilidade pelos demais brincantes. Para isso, considerar-se-á o folguedo uma expressão da cultura popular inserida no Extremo norte, particularmente com os migrantes maranhenses.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Na pesquisa junto ao Boi Rei Brilhante, privilegiou-se a abordagem qualitativa a partir

6 Armandina esclarece que, em 1954, na época do Presidente Getúlio Vargas, o pai dela juntamente com a mãe e mais duas irmãs, vieram para o Brasil. De acordo com a nossa narradora, o pai trazia em mãos a “carta de chamada”. Essa carta lhe garantia o emprego. Por essa razão a família saiu de Portugal para trabalhar no Rio de Janeiro, Brasil. Ao descrever a viagem, Armandina diz que parecia aquela cena da telenovela, exibida pela Rede Globo, “Terra Nostra” em que “reconstituía”, nos primeiros capítulos, a saga dos migrantes italianos, abordos de navio que rumavam para o Brasil.

7 De acordo com Armandina, o esposo Dr. Vincenzo, Neurocirurgião no Hospital Souza Aguiar, no Rio de Janeiro, em 1982, sofreu um acidente e ficou por 8 meses com amnésia. Quando conseguiu recuperar a memória, foi aconselhado pelo Dr. Orlando a trabalhar no TFRR, devido à carência de médicos no Território. A transferência não foi difícil de conseguirem para mudar para Roraima. Inicialmente, Armandina revela que vieram com a ideia de serem apicultores, por isso, “trouxemos 12 caixas de abelhas, mudas de maniva, tecidos para fazer roupas e seis mudas de pés de banana. Na minha cabeça, a gente iria mora no Apiaú e lá não tinha nada, e isso ficou na minha cabeça” (risos).

da pesquisa de campo e da observação-participante. De acordo com Felipe Fontana (2018, p. 63) o ato de observar está intimamente conectado a ideia de uma percepção atenta. Isso significa dizer que não basta somente ver ou ouvir [...]”. É preciso que o (a) pesquisador (a) esteja atento aos detalhes que se sobressaem no convívio com o grupo e/ou no sujeitos (interlocutores da pesquisa). Ainda para o autor, “a observação participante vincula-se com uma participação real/direta/sem mediação do pesquisador com o objeto, a comunidade ou o grupo estudado” (Idem).

Ademais, para o presente estudo privilegiamos as fontes orais por meio da metodologia da História Oral (HO). Desta feita, recorreu-se para as entrevistas semiestruturadas, além da ciência dos participantes com concordância em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e cessão dos direitos do uso de imagens e/ou vídeos. A justificativa da utilização das fontes orais apoia em Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p. 21) quando asseverou que a centralidade da HO “[...] encontra-se no fato de fazerem da memória e da narrativa elementos centrais para reconstituição de épocas e acontecimentos [...]”.

Nessa mesma linha de pensamento, Alessandro Portelli 2016, p. 12) afirma que essa metodologia não se refere somente a evento. No entender de Portelli, ela “diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores [...]”. Assim, parte-se do princípio de que as narrativas retratam uma versão/representação pela ótica do (a) narrador (a).

RELAÇÕES DE GÊNERO NA CULTURA POPULAR DO BUMBA-MEU-BOI NO EXTREMO NORTE

Como já foi mencionado, anteriormente, a brincadeira do folgado, em Mucajaí, foi introduzida pelo migrante maranhense Raimundo Pereira da Silva, o qual era conhecido

por todos pela alcunha de “Cumpadão”. Ele nasceu no dia oito de junho de 1932, no lugarejo chamado São Bernardo, a época pertencente ao município de Pedreiras, no estado do Maranhão.

De acordo com os interlocutores, os brincantes do Boi Rei Brilhantes, e corroborado por Armandina (2017), “o Cumpadão tinha um grande amor pela brincadeira do Bumba-meu-boi até porque ele foi iniciado [na brincadeira] quando tinha sete anos de idade. Assim, em 1975, ele fez um boi, em Mucajaí, para manter viva a tradição maranhense”, no então, não logrou muito êxito, em grande medida, o insucesso é atribuído ao preconceito que Cumpadão tinha com a participação das mulheres no meio do cordão da brincadeira.

Essa versão foi confirmada por mais de um interlocutor. Segundo Armandina (2017), “o Cumpadão dizia que era uma heresia a participação das mulheres no cordão da brincadeira. No começo não foi fácil a minha aceitação. Somente agora é que começam a me respeitar”. O bumba-meu-boi, por muito tempo, foi marcado por ser uma brincadeira “tipicamente masculina”.

Foto 1: Cumpadão e Armandina na brincadeira do Rei Brilhante, município de Mucajaí



Fonte: Acervo pessoal de Armandina Di Manso

Sobre esta questão de masculinidade, Carvalho (2003) remota a forma tradicional como os grupos de boi eram e, ainda hoje, são nomeados dentro da própria brincadeira, a

saber: “rapaziada”. Ou seja, essa nomeação acaba por caracterizar e distinguir a brincadeira por “coisa de homens” e “não de mulheres”. Ao pesquisar as toadas, sejam que são cantadas nos grupos do Maranhão como aqui em Roraima, a expressão “rapaziada” aparece de forma recorrente em diversas toadas. Elas apresentam e expressa um universo masculino, particularmente com expressões – “companheiros” ou “vaqueiros”. A título de exemplo, apresentamos as toadas do Bumba-meu-boi Unidos de Santa Fé, respectivamente, dos anos de 2011 e 2013:

Lá vai, lá vai, meu boi
Iluminando meu batalhão
Meu vaqueiro cantando boiada
Pro gado de São João
Lá vai, lá vai, vem ver
Vou manter a tradição
Já pedi pra São João
Para ele me ajudar
Que é pra eu cantar boi
Junto com os meus companheiros
Vou avisar minha turma
Te prepara meu vaqueiro
Tã chegando mês de junho
Eu vou levar
Santa Fé pra dar show no mundo inteiro

Lima, Oliveira e Albernaz (2013) afirmam que a participação das mulheres “era restrita e limitada” dentro dos grupos. Para as autoras, no geral, as funções destinadas as mulheres limitavam-se à figura de “mutucas” ou as funções de cozinheiras e bordadeiras. Às mulheres, também era permitido participar dos rituais de batismo (como madrinhas) e da morte, como também na condução das orações, ladainhas e das bênçãos ao boi e aos brincantes.

De acordo com Joan Scott (1995), “o uso de ‘gênero’ enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir sexo, mas não é determinado pelo sexo (...)”. Ou seja, embora, no Bumba-boi tenha personagem “tipicamente” ligado a figura

feminina, os que detêm o direito de exercê-los são os homens travestidos de mulheres. Aqui é possível perceber como as regras socioculturais constroem os significados das experiências de “gênero”.

Essas regras, também, são *lôcus* de narrativas, as quais elaboram sentidos e classificam a posição dos homens e mulheres dentro do folguedo. Para o Seu Sinésio⁸ (2018), “na brincadeira de bumba-boi quando o homem faz o papel de Mãe Catirina, desperta nas pessoas o riso fácil porque é um momento de pura palhaçada”. E, acrescentou: “eu já vi muitas brincadeiras de boiada. E, confesso que era muito bom ver os personagens, do Pai Francisco e da Mãe Catirina. Mas a mulher sendo representada por homens”. Corroborando com a narrativa do nosso interlocutor, Prado (2007) percebe o homem vestido de mulher pelo viés do cômico, en-graçado, digno de ser feito por um bom palhaço. Por ocasião da pesquisa de campo, no estado do Maranhão, foram poucos os grupos de Bumba-meu-boi que ainda mantinham homens como personagem da Mãe Catirina. Entre os grupos que mantem a figura masculina travestido de mulher com Catirina, podemos citar, o **Boi Pirilampo** e o **Boi da Lua** (FIGURA 2)

Figura 2: Pai Francisco e Mãe Catirina, Bois Pirilampo e da Lua



Fonte: www.instagram.com/boipirilampooficial/ ;
www.instagram.com/boidaluaoficial/

Lima e Albernaz (2013, p. 501) ao constatarem que houve um aumento significativo do número de mulheres nos grupos, assim como também cresceu a presença de ho-mossexuais dentro dos grupos de bois, alguns fazendo a personagem da

⁸ Ele está no grupo do Bumba-meu-boi Rei brilhante desde o início e também é reside no município de Mucajá.

Mãe Catiri-na. Diante deste “novo” cenário, há alguns homens receosos de ver sua “masculinidade” ou “orientação sexual” colocada em xeque ou ainda por possíveis comentários maldosos ou jocosos pelo simples fato de atuarem com o papel travestido de mulher como ocorria no passado (LIMA; ALBERNAZ, 2013, p. 501).

Para Albernaz (2010, p. 75), as mulheres sempre estiveram presentes nas brincadeiras de boi, mas devido a sua cor e/ou classe, elas não eram visibilizadas ou lhes eram destinados papéis secundários, como a figura (pejorativa), mutuca. A mutuca, de acordo com Albernaz, “aparece como a mais apropriada dentre elas no espaço das apresentações, quando o boi se revela publicamente”. O que se vê, atualmente, é uma presença maior das mulheres, porém, a brincadeira ainda mantém e nutre preconceitos em relação as questões de gêneros.

A BRINCADEIRA DO BUMBA-MEU-BOI EM MUCAJAÍ E A PRESENÇA DA LIDERANÇA DE ARMANDINA DI MANSO

Afim de problematizar e analisar a questão de gênero nas culturas populares, corremos ao pensamento de Joan Scott (1995) quando afirmou que o termo “gênero” se liga as construções culturais porque ele acaba demarcando os papéis adequados, tanto para homens quanto para mulheres. Armandina (2017) recorda que, no começo, quando resolveu ajudar o Cumpadão na reativação da brincadeira do Bumba-meu-boi em Mucajaí, em 2005, acabou se tornando um período “muito difícil”, pois, segundo a narradora, foi preciso lutar para ser aceita e/ou respeitada enquanto liderança, especialmente pela condição de ser mulher. Ao narrar esse período, Armandina (2017) passa a discorrer:

A própria “natureza” das brincadeiras da cultura popular é que se tenha a predominância dos homens, enquanto líderes. Mas as mulheres aos poucos vão

ocupando e conquistando os espaços de liderança, mas não é fácil. Recordo que o Cumpadão tinha muita discriminação com a participação das mulheres na brincadeira de boi. Quando eu comecei, alguns me achavam uma herege. Somente agora é que começam a me respeitar.

Com o falecimento do Cumpadão, a figura de Armandina tornou-se o suporte e o amparo da brincadeira em Mucajaí. Por conseguinte, ela acabou ganhando força da e na liderança, superando, dessa forma, os paradigmas e os preconceitos da própria ambiência da brincadeira. De acordo com a própria narradora, a estratégia foi buscar inserir outras figuras femininas dentro do cordão da brincadeira de Boi. Assim, começou a fazer um trabalho junto a escola estadual a fim de trazer para dentro do cordão meninos e meninas e, assim, proporcionar uma formação e uma inserção deles no Boi Rei Brilhante (FIGURA 3).

Figura 3: Armandina Di Manso: Mestra e Ama do Grupo de Boi Rei Brilhante



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2018.

O convívio, por ocasião da pesquisa de campo e das entrevistas com a nossa narradora, nos permite inferir que a sua aceitação dentro do grupo foi uma conquista pessoal e não foi algo imposto, especialmente quando ela afirma que, “somente agora é que começam a me respeitar”. Talvez seja, por essa razão, das dificuldades de ser aceita, é que Armandina, enquanto Mestre e liderança, busca incentivar e motivar para que

outras mulheres possam ter vez e espaço dentro do folguedo. Ainda assim, é visível a participação das mulheres, entretanto, Armandina destaca a força e o compromisso das meninas (adolescentes) e da Antônia Ferreira dos Santos⁹ (a Pajé na brincadeira do boi Rei Brilhante) (FIGURA 4).

Figura 4: Antônia Ferreira dos Santos na brincadeira do boi Rei Brilhante, Mucajaí/RR



Foto: Acervo pessoal do autor, 2019.

Antônia Ferreira dos Santos (2020) reconheceu que nunca tinha pensado em brincar de Bumba-meu-boi, até porque “via a brincadeira [de boi] como coisa de homens”. Até sofrer uma queda de bicicleta em que o joelho ficou inchado e passou onze dias com febre. Quando decidiu fazer uma promessa a São Francisco, no qual lhe disse em oração: “meu São Francisco me ajude pelas cinco chagas de Cristo. Se eu ficar boa do meu joelho, eu vou andar na procissão por três anos seguidos”¹⁰.

De acordo com a narradora, depois da oração adormeceu e sonhou com um boi e um leiteiro com os nomes de São Francisco e São João. A partir do sonho, ela deduziu que São Francisco havia entregue para São João. Segundo Antônia, “eu só sei que fiquei boa, paguei minha promessa e acabei ficando na boiada de São João”. Brincar de boi para alguns devotos é visto como um modo de louvação ao Santo e, ao mesmo tempo, agradecimento pelas promessas recebidas e o ingresso das mulheres no Bumba-meu-boi, segundo Marques (1999), se deu graças ao seu valor na mediação das experiências e ao pertencimento sociocultural, especialmente com

a cultura popular.

Por fim, o conceito de gênero nos ajuda a perceber e, ao mesmo tempo, problematizar as relações de gênero dentro da brincadeira do Bumba-meu-boi, a qual ainda carece quebrar paradigmas que naturalizam a brincadeira como universo masculino e determina os “melhores” papéis para as mulheres. A presença da migrante portuguesa, Armandina Di Mano, no Boi Rei Brilhante evidencia, a meu ver, um esgarçamento em que as mulheres se empoderaram e mostram que tem capacidade de gerir e de liderar o grupo de brincantes. O esforço de Armandina trouxe o reconhecimento, ainda em vida, de sua liderança e Maestria dentro do Bumba-meu-boi, mas como ela mesma reconheceu: “não foi fácil. Se hoje eu sou a Ama do boi. Isso foi uma conquista com presença e perseverança porque havia muito preconceito quando viam uma mulher envolvida na brincadeira”.

Ao tecer as considerações finais, creio que se faz necessário, logo de início, reconhecer que

À GUISA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

não se teve a pretensão de esgotar o tema, seja por limitação das laudas do presente texto, seja porque ele tem como fio de Ariadne a minha Tese de doutorado cujo foco foi pensar e discutir a presença da Brincadeira do Bumba-meu-boi de matriz maranhense como elemento identitário presente nas culturas populares.

Isso posto, ao longo do texto buscou-se, primeiro, apresentar um espaço de debate tendo por fio condutor a perspectiva das relações de gênero. A escolha dessa perspectiva considerou a presença do folguedo do boi nas terras roraimenses, no qual nos permitiu pesquisar empiricamente por meio de pesquisa de campo, da vivência com os Mestres e brincantes, bem como entrevistá-los afim de constituir um acervo documental através das narrativas dos sujeitos participantes.

As fontes orais revelam a continuidade, nos dias atuais, de uma postura machista em que a

⁹ Ela assumiu a personagem do Pajé no boi Rei Brilhante.

¹⁰ A festividade de São Francisco ocorre no dia 04 de outubro.

questão gênero determina os espaços e os papéis de homens e mulheres dentro da brincadeira de Bumba-meu-boi. Por conseguinte, é significativo a presença da Mestra e Ama do boi Rei Brilhante na figura da saudosa Armandina Di Manso, pois ela mostrou força e perseverança ao esgarçar o seu espaço, no qual se solidificou com o tempo e a persistência até chegar a ser considerada Mestra da brincadeira da cultura popular.

Vale destacar que sua presença a frente do boi Rei Brilhante acabou por abrir espaço para que outras mulheres pudessem fazer parte, não só do cordão de brincantes, mas de assumir papéis socioculturais da e na brincadeira, como é o caso da Antônia que tornou-se a Pajé na brincadeira e, atualmente, compões e canta algumas toadas por ocasião das apresentações do rei Brilhante.

Em síntese, espera-se com este texto o registro da memória do protagonismo da saudosa Armandina Di Manso dentro da brincadeira da cultura popular por meio do Bumba-meu-boi Rei Brilhante, no estado mais Setentrional do país. Ademais, o texto também intenta apresentar algumas considerações do potencial do conceito de gênero para as discussões das relações que são estabelecidas ou construídas dentro das relações socioculturais.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. *Matracas que desafiam o tempo: é o bumba-boi do Maranhão um estudo da tradição/modernidade na cultura popular*. São Luís/MA: [s.n], 1995.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FONTANA, Felipe. *Técnicas de Pesquisa*. In: *Metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. (Org) Thiago Mazucato. Penápolis: FUNEPE, 2018,

p. 59-80.

HASBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 7ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

LIMA, Patrícia Georgia de; ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. *Gênero e cultura popular: relações de poder, posições e significados da participação das mulheres nos grupos de Bumba-meu-boi*. In: *Revista Sociais e Humanas*. Santa Maria/RS, v. 26, n. 03, set/dez, 2013, p. 489-508.

NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. *O lugar e a Utopia: Histórias e memórias de migrantes nordestinos em Roraima (1980-1991)*. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Roraima. Boa Vista/RR, 2011, f. 75.

NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. *“O MARANHÃO É AQUI”: territorialidade maranhenses na cidade Boa Vista/RR (1991-2010)*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Roraima. Boa Vista/RR, 2015, f. 147.

NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. *O bumba-meu-boi urrou em Roraima: a (re)produção de um território simbólico-cultural (1975- 2019)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre/RS, 2021, f. 295.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como a arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. *Apresentação da formação histórica da sociedade e economia roraimense*. In: *Pensando e preservando o olhar histórico, socioeconômico e político de Roraima*. (Org.) Heloisa da Silva Borges. Manaus/AM: Edições UEA/Editora Valer, 2008.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço – técnica e tempo. Razão e emoção*. 4ªed. São Paulo: EdUSP, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In Educação & Realidade. 20 (2), jul/dez, 1995, p. 71-79.

FONTES:

1) Orais

DI MANSO, Armandina. Entrevista I. [fev. de 2017]. Entrevistador: Francisco Marcos Mendes Nogueira. Mucajaí/RR, 2017. Arquivo mp3 (40min)

DI MANSO, Armandina. Entrevista II. [mar. de 2017]. Entrevistador: Francisco Marcos Mendes Nogueira. Mucajaí/RR, 2017. Arquivo mp3 (1h 05min)

DI MANSO, Armandina. Entrevista III. [mai. de 2017]. Entrevistador: Francisco Marcos Mendes Nogueira. Mucajaí/RR, 2017. Arquivo mp3 (39min 10s)

SANTOS, Antônia Ferreira dos. Entrevista. [nov. de 2020]. Entrevistador: Francisco Marcos Mendes Nogueira. Santa Inês/MA, 2018. Arquivo mp3 (53m 39s).

SILVA, Sinésio, Entrevista. [fev. de 2018]. Entrevistador: Francisco Marcos Mendes Nogueira. Vila da Penha, município de Mucajaí/RR, 2018. Arquivo mp3 (40min)

2) Redes Sociais – Instagram.com

a) Grupo de Arte e Cultura Popular do Maranhão Boi Pirilampo:

<www.instagram.com/boipirilampooficial/>.

Acesso em 20 de jul. de 2020;

b) União Recreativa e Cultural Bumba Meu Boi da Lua:

<www.instagram.com/boidaluaoficial/>. Acesso em 20 de jul. de 2020;